

Apresentação

Crítica Textual, mais do que importante: necessária para os estudos de literatura

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida¹ 

Ceila Maria Ferreira Batista² 

¹ Utilizamos, aqui, **universo** em conformidade com o uso dessa palavra, para expressar o escopo da Crítica Textual, no minicurso “Universo da Crítica Textual”, ministrado, na UFF, por João Dionísio, em 2008, em evento do Laboratório de Ecdótica da Universidade Federal Fluminense (Labec-UFF).

² A palavra “encarnações” é utilizada por Roger Chartier para denominar as materializações de textos em edições. (cf. CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução George Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2004).

O universo da Crítica Textual é o da interlocução entre a produção, a transmissão e a recepção de textos literários e não literários.¹ Por produção, entendemos o processo que engloba a escritura de um texto, de uma obra – inclusive as marcas da pesquisa que foi feita para sua preparação –, não apartados do contexto de sua concretização. Quanto à transmissão, consideramos as várias “encarnações” de uma obra ou sua *única materialização também relacionadas* com o contexto de publicação.² Acerca da recepção, a Crítica Textual investiga leituras, interpretações de textos, de obras, num determinado espaço e período de tempo.

Como podemos perceber do que foi dito até aqui, não é à toa que João Dionísio, Professor da Universidade de Lisboa, chamou o escopo dessa disciplina de **universo**. Realmente seu objeto de estudo, de investigação, é amplo, embora a sua divulgação e o seu reconhecimento no meio acadêmico brasileiro ainda estejam reduzidos.

Para nós que organizamos este número da *Revista Gragoatá* e que trabalhamos com a Crítica Textual, é muito difícil compreendermos o porquê de a Crítica Textual não ser amplamente reconhecida como uma das disciplinas fundamentais para os Estudos Literários, por exemplo. Contudo, devemos lembrar que o Brasil não passou ileso pelo “dia que durou 21 anos”, que, em 2024, completa 60 anos. Devemos lembrá-lo para que nunca mais aconteça ditadura e tortura. E, a nosso ver, uma das fraturas realizadas pela ditadura foi a de alimentar uma ojeriza por estudos, na área de Letras e de Linguística, relacionados à historicidade.

Silvio Renato Jorge
Editor-chefe dos
Estudos de Literatura

¹ Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: msantiago@usp.br

² Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, Brasil. E-mail: ceilaferreira@id.uff.br

Como citar:

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago; BATISTA, Ceila Maria Ferrira. Crítica Textual, mais do que importante: necessária para os estudos de literatura. *Gragoatá*, Niterói, v. 29, n. 63, e63124, jan.-abr. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v29i63.63124.pt>

A Crítica Textual está intimamente relacionada à historicidade, assim como à mudança, inclusive uma das noções centrais dessa disciplina é a de que até mesmo os textos escritos sofrem alterações ao longo de seus processos de transmissão. Ou seja, é fundamental, para pesquisas com bases científicas, o cuidado na escolha das edições das obras que serão por elas trabalhadas. Qualquer descuido nesse quesito pode comprometer o resultado e a seriedade da investigação.

O exercício da Crítica Textual também nos ajuda a promover uma espécie de “escovar a história a contrapelo”, pois as pesquisas em arquivos ou bibliotecas com fontes primárias favorecem, dependendo de quem realiza a pesquisa, a prática do resgate de textos e de leituras, importantíssima num país que sofreu um processo de colonização, de escravidão, de apagamento da história dos vencidos e que tem muito a caminhar em termos de inclusão social, de cidadania, de defesa e de fortalecimento da democracia.³

Neste número da *Revista Gragoatá*, dedicado à tão importante disciplina, esperamos contribuir para a divulgação e para a valorização da Crítica Textual não apenas no meio universitário do Brasil, mas também em outros países e mesmo fora dos muros acadêmicos. E, por falar neste número, vamos à apresentação propriamente dita dos artigos que o compõem, acompanhada de uma sucinta apresentação de seus autores e de suas autoras.

O primeiro artigo, “*The first Brazilian edition of Almeida Garret’s Frei Luís de Souza. Aspects of textual variation*”, é de autoria de João Dionísio, aqui já referido na abertura desta Apresentação. Dionísio é professor de Literatura Portuguesa e de Crítica Textual da Universidade de Lisboa, membro da prestigiosa Equipa Pessoa (Grupo de Trabalho para o Estudo do Espólio e Edição Crítica da Obra Completa de Fernando Pessoa), coordenada por Ivo Castro. A partir de uma perspectiva filológica, o artigo de João Dionísio trata da primeira edição brasileira de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garret. Nesse artigo, João Dionísio articula questões da transmissão da referida obra, destacando a sua importância para a história comparada do português europeu e do português americano, além de divulgar o nome e a obra de Walter W. Greg.

O segundo artigo, intitulado “A intencionalidade estética autoral em *Uma duas*, de Eliane Brum”, foi escrito por Neila da Silva de Souza, Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), integrante do Grupo de Estudos da Metáfora e Pesquisas em Língua e Literatura da Expressão Amazônica, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e do Grupo de Pesquisa Epistemologia do Romance, da Universidade de Brasília (UnB). A autora nos brinda com um instigante texto sobre o romance *Uma duas*, publicado pela primeira vez em 2011, da escritora, jornalista, documentarista Eliane Brum. Neste artigo, que é uma contribuição para a divulgação da obra literária da Diretora de *Sumaúma* Jornalismo, há uma discussão sobre intencionalidade autoral e a respeito da materialidade do texto, temas caros à Crítica Textual, mais ainda na atualidade.

³ Como sabemos, a expressão “escovar a história a contrapelo” foi assim traduzida por Sérgio Paulo Rouanet de um trecho de Walter Benjamin que está presente em “Sobre o conceito da história”. A edição que aqui utilizamos é a 8ª. de *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*, publicada pela Brasiliense em 2012. Também história dos vencidos é, nesta apresentação, utilizada conforme Walter Benjamin, na edição acima citada.

Após o texto de Neila da Silva de Souza, é a vez de “Algumas reflexões sobre a Crítica Textual na Itália: metodologias, fundamentos e desafios”, de Raphael Salomão Khede, professor de Língua e Literatura Italiana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com robusta formação em Crítica Textual. Como sabemos, a Crítica Textual é bem difundida na Itália, e o artigo de Raphael Salomão Khede, que lá estudou, nos traz uma tradição de estudos de filólogos italianos que não é muito conhecida no Brasil, apesar de ser de imensa importância para os Estudos de Literatura. Ou seja, tal artigo é de grande contribuição para o incremento do diálogo entre filólogos brasileiros e italianos, assim como para a maior valorização da Filologia como Crítica Textual.

Em seguida, publicamos “Coleção *Ad usum Delphini*: aurora da censura na edição impressa de textos clássicos”, de Fábio Frohwein de Salles Moniz, professor de Língua e Literatura Latinas do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFRJ (FL-UFRJ). O autor é vice-líder do Grupo de Pesquisa Crítica Textual, da Fundação Biblioteca Nacional (RJ). Nesse instigante artigo, Moniz nos possibilita o conhecimento de estratégias, principalmente as do século XVII, na França, de edição de textos das literaturas latina e grega do período clássico, além de resultados dessas estratégias, como expurgos de trechos de obras, apesar de que, em alguns casos, numa espécie de índice, ter publicado o texto em sua provável integralidade, já que estão sendo publicadas edições de textos sem originais. O pesquisador nos fornece informações sobre alguns dos responsáveis pela preparação do texto de volumes específicos da Coleção *Ad usum Delphini* e nos revela também o nome de uma mulher que estava entre os responsáveis por alguns de seus volumes. O artigo de Fábio Frohwein nos mostra exemplos indiscutíveis de censura, os quais nos fizeram lembrar de problemas nas chamadas edições escolares de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, durante a monarquia e, mais tarde, durante a ditadura do Estado Novo, que durou 41 anos, em Portugal, conforme indica a Tese de Flávio Garcia Vichinsky, intitulada *Os Lusíadas para os “lusítois”: o destino do épico camoniano no liceu português e a interferência do Estado Novo*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), em 2015. Muito provavelmente tivemos tal recordação, pois, em 2024, estamos comemorando os 500 anos de Camões e os 50 anos da Revolução dos Cravos, que felizmente derrubou a ditadura acima mencionada.

O sexto artigo deste número da *Revista Gragoatá* é “Sobrevoo por *Terra Crua*: para a gênese da obra de autoria de Jorge Ferreira Duque Estrada”, de Helcius Pereira e Marcelo Módulo. Helcius Pereira é professor da Universidade Estadual de Maringá, e Marcelo Módulo é professor de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). O material aqui publicado

trata da gênese de uma importante obra de Jorge Ferreira Duque Estrada sobre a fundação da cidade de Maringá, no estado do Paraná, além de aspectos de sua recepção.

Logo após esse artigo, temos o “Folclore brasílico no segundo ato de *Na festa de São Lourenço*, de Anchieta (1587): questões crítico-interpretativas e historiográficas”, de Leonardo Ferreira Kaltner, Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), membro da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL), e Melyssa Cardozo Silva dos Santos, Doutoranda do Programa Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF. O artigo trata de um auto de Anchieta que foi escrito em três línguas, inclusive o tupi, e de aspectos de sua exegese, tema também caro à Crítica Textual.

O sétimo artigo, “*Thomas Middleton’s dramatic social spaces*”, de Régis Augustus Closes, professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), tradutor e editor de textos literários da língua inglesa dos séculos XVI e XVII. O autor nos oferece a oportunidade de termos acesso a questões relativas às mulheres, às terras, sob uma perspectiva econômico-social, em algumas das obras de Thomas Middleton. Nesse sentido, também está em consonância com a Crítica Textual, pois acolhe a disposição de tratar sobre temas que promovem o que chamamos, lembrando e citando Walter Benjamin, como já o fizemos anteriormente, de uma espécie de “escovar a história a contrapelo”.

Também no artigo seguinte, Rosani Ketzer Umbach, Professora Titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e Sabrina Siqueira, pesquisadora doutoranda na mesma instituição, falam sobre um conto intitulado *The Bride*, da escritora irlandesa Maeve Brennan, ainda pouco conhecida no Brasil, mas que trabalha com uma temática que discute preconceitos de classe, de gênero e um determinado tipo de xenofobia, além de enfatizar a luta por autodeterminação do povo irlandês e de tratar da diáspora, mais especificamente de mulheres irlandesas, nos Estados Unidos. Vale destacar que o referido conto de Maeve Brennan tem como protagonista uma personagem de uma classe economicamente menos favorecida – o que é também relevante em um país de tanta exclusão social como o nosso –, assim como promove o resgate de uma literatura e de uma autora pouco divulgadas no Brasil.

O nono artigo, “Teoria, autoria...”, foi escrito por Fábio Almeida Carvalho, Professor Titular da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Tal artigo trata de discussões muito caras à Crítica Textual, como as de autor e autoria, propondo ainda uma discussão teórica sobre as condições do saber nos campos dos estudos literários e das humanidades.

O décimo artigo, de César Nardelli Cambraia, Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e autor de *Introdução à Crítica Textual*, publicado pela Martins Fontes, em 2005. Cambraia é um dos idealizadores, em conjunto com a organizadora deste número da Revista Gragoatá, da criação do GT de Crítica Textual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), grupo

de trabalho que inclui, entre seus fundadores, o co-organizador do número. Neste artigo, César Nardelli Cambraia faz uma discussão, sob a perspectiva da Crítica Textual, de fontes da versão abreviada da tradução espanhola da obra de Isaac de Nínive, teólogo do século VI d. C., além de sua transmissão e de sua recepção, analisando testemunhos em grego, latim, italiano, espanhol, catalão e português. O texto de César Nardelli Cambraia acompanha a tradição da corrente que trabalha com a interlocução entre Crítica Textual e Linguística Histórica e com estudos culturais. Além disso, também promove o resgate de nomes como o de Isaac de Nínive, que faleceu no que é hoje o Iraque, nos levando também para uma reflexão sobre a importância do diálogo sul-sul como disse o filósofo e teólogo recentemente falecido Enrique Dussel.⁴

Portanto, caras leitoras e caros leitores, com este número da *Revista Gragoatá*, vocês têm acesso a várias portas que podem levá-las/os ao universo instigante e interdisciplinar da Crítica Textual. Basta terem a generosidade de abri-las. Certamente, serão recebidas e recebidos com hospitalidade⁵.

⁴Veja-se Dussel, 1993.

⁵Generosidade e hospitalidade são utilizadas, por Edward Said, em *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, para se referir a duas das características da Filologia/Crítica Textual, na p. 22, no Prefácio à edição de 2003, presente na edição de 2007, da Companhia das Letras. Tal edição foi traduzida para o português por Rosaura Eichenberg.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*, vol. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

DUSSEL, Enrique. *1492 - O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

VICHINSKY, Flávio Garcia. *Os Lusíadas para os 'lusitos': o destino do épico camoniano no liceu português e a interferência do Estado Novo*. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-09032016-161458/>. Acesso em: 16 fev. 2024.